

## Etnomídia: ciência midiática, comunicação e cultura<sup>1</sup>

Ricardo ALEXINO FERREIRA<sup>2</sup>  
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

### RESUMO

Este trabalho tem por objetivo entender o processo de construção da informação e divulgação científicas na contemporaneidade, contrapondo-se à visão tradicional de ciências, muitas vezes reduzida aos ideais de objetividade e aplicabilidade exaltados pela mídia. A proposta é trazer como elementos da midialogia científica áreas que abordem os aspectos subjetivos, culturais e da diversidade. Tais abordagens têm sido ignoradas, em vários momentos, pela divulgação científica e tratados, equivocadamente, em editoriais não referentes a ciências. Assim o enfoque deste trabalho é introduzir a Etnomídia como um campo de ressignificação da comunicação midiática científica no seu sentido multi e transmidiático e como um sistema integrado, interdisciplinar e especializado.<sup>3</sup>

**PALAVRAS-CHAVE:** etnomídia; midialogia científica; cultura; ciências

### Introdução

“Cuido de pequenas e grandes notícias e, se não tem nenhuma, saio e mordo um cachorro”. Essa máxima do personagem Charles Tatum, um jornalista que sonha com o cobiçado prêmio jornalístico Pulitzer, no filme *A montanha dos sete abutres* (*Ace in the hole*), produção de 1951, dirigido por Billie Wilder, é uma metáfora da relação histórica que jornalistas vêm tendo com a informação. Sob a égide da liberdade empresarial, que

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação, Ciência, Meio Ambiente e Sociedade, XII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professor Associado (Livre-docente) da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo/USP. E-mail: [alexino@usp.br](mailto:alexino@usp.br)

<sup>3</sup> Este trabalho é resultado da tese de Livre-docência defendida na ECA-USP e da pesquisa *Etnomídia: método do livro-reportagem-multimidiático-memória no resgate de histórias biográficas de indivíduos pertencentes a grupos sócio-acêntricos*, financiada pela FAPESP.

se sobrepõe em muitos momentos à liberdade de imprensa, a informação torna-se um produto de barganha na disputa pelo consumidor.

Adestrados nos cursos de Jornalismo e nas empresas jornalísticas a seduzir o público, o olhar do profissional da informação fica suscetível, muitas vezes, mais com a espetacularização do que com as implicações sociais que essa mesma informação possa ter, havendo uma ênfase no valor-notícia e nos critérios de noticiabilidade.

Para entender esse processo pode-se citar uma metáfora de Edwin Diamond:

Dois executivos de uma cadeia de televisão norte-americana assistiam a três telejornais ao mesmo tempo. Uma das notícias do dia relatava um incêndio num orfanato em Staten Island. Após o final da reportagem, um dos executivos lamentava-se porque uma televisão concorrente tinha melhores imagens na sua reportagem. ‘As chamas deles são mais altas que as nossas’. Mas o outro executivo respondeu: ‘Sim, mas a nossa freira chorava mais alto que as outras’.  
(DIAMOND apud CANAVILHAS, 2011)

Dentro desse contexto, a principal proposta deste trabalho é entender como se dão na contemporaneidade os mecanismos de construção da informação, com ênfase na divulgação científica. O principal objetivo não é fazer uma análise à luz das teorias frankfurtianas, que envolvem os conceitos de indústria cultural e da teoria do esclarecimento, mas entender essa mesma comunicação nos ambientes movidos pelos interesses econômicos, que são marcados também por aspectos culturais.

Para esse tipo de análise, foi feito recorte epistemológico no conceito Etnomídia, ainda pouco estudado, e em que medida os critérios de noticiabilidade, construídos organicamente pela imprensa, podem redimensionar ou até mesmo transformar as questões de diversidade que essa nova área do conhecimento se ocupa no campo da mídia científica.

Dessa forma, a diversidade é entendida aqui a partir do termo “sócio-acêntrico”, que tem o sentido conceitual de segmentos sociais, étnicos e de gênero, dentre outros, que, independente da quantidade, têm pouca representação social, política e econômica (inserção no mercado de trabalho, ocupação de cargos de poder e outros) e tem como equivalentes históricos as expressões “grupos minoritários” ou “grupos minorizados”.

Historicamente é possível perceber a alteração dos termos que tratam a diversidade nos estudos da Comunicação. Em um primeiro momento, o termo adotado

era o de grupos minoritários (utilizado com ênfase na Sociologia), principalmente nas décadas de 70 e 80. No entanto, o termo começou a provocar confusão semântica já que muitas pessoas atribuíam a esses grupos características quantitativas (composto por poucos indivíduos), levando a distorções da realidade.

Por exemplo, no Brasil o segmento afro-brasileiro corresponde a um número expressivo da população, mas é considerado um “grupo minoritário”. Daí, a utilização do termo minorizado, nos anos 90, em estudos que abordavam a questão da diversidade e etnia em Comunicação para evitar tais conflitos semânticos.

No entanto, o termo “minorizado” mostrou-se impreciso em sua significação e neste trabalho será adotado o termo sócio-acêntrico, que possibilita um entendimento mais apropriado da diversidade na contemporaneidade e no campo da Etnomialogia.

Neste trabalho, parte-se ainda da perspectiva que na contemporaneidade existem tendências marcantes de transmutação da sociedade de informação, como meio de criação de conhecimento, para a sociedade midiática, implicando em conjuntos de mudanças significativas e paradigmáticas e exigindo a construção e reconstrução de novas teorias midiáticas e novas práticas profissionais.

Percebe-se que há no momento uma tendência acentuada para a convergência das mídias e também a construção de outras identidades midiáticas e culturais ao mesmo tempo em que há simplificação por parte da imprensa em retratar tais fenômenos. Ou seja, a imprensa está imersa em paradoxos e, por vezes, contradições em que há avanços e retrocessos nos mesmos campo e espaço.

No caso, para compreensão desses fenômenos, principalmente em sua interseção com a diversidade étnico-cultural, a Etnomialogia permite entender a comunicação midiática no seu sentido multi e transmidiático e como um sistema integrado, interdisciplinar e especializado no universo da midialogia científica. Ela se baseia no enfoque sistêmico da Teoria Geral dos Sistemas, em que há necessidade de contextualização, conexão de idéias e síntese, envolvendo um conjunto de disciplinas que tratam a nova comunicação midiática científica a partir de um viés verticalizado e de aprofundamento.

Isso porque a Teoria Geral dos Sistemas permite uma organização dos fenômenos para melhor compreendê-los. Formulada por Ludwig Von Bertalanffy, que

criticava a divisão das áreas do conhecimento porque entendia que os sistemas deveriam ser estudados globalmente para melhor compreender as suas interdependências.

O modelo da Teoria Geral dos Sistemas envolve três condições para a construção do seu conceito: contextualização do fenômeno que se está analisando para detectar as realidades circundantes, bem como as características intrínsecas, que afetam seu comportamento; mapeamento do fenômeno no tempo, de modo a definir as particularidades relevantes de seus antecedentes e a inferir possíveis desdobramentos no futuro; identificação da função que o sistema vem desempenhando e poderá vir a desempenhar. Edvaldo Pereira Lima o coloca como “conceito básico para a construção teórico-metodológica do livro-reportagem” (LIMA, 1995, pág. 18).

Nessa perspectiva, a Etnomídia tem como base de construção conceitual o entendimento dos fenômenos sociais, culturais e políticos dos diferentes segmentos da sociedade (mais precisamente os grupos sócio-acêntricos) a partir das suas representações pela mídia e em produções como livros didáticos e outras e, também, de suas auto-representações em produções midiáticas próprias. A terminologia Etnomídia se funde com a mídia científica, pois é nela que irá buscar os novos conceitos de cultura em uma abordagem interdisciplinar.

A decifração do que vem a ser cultura torna-se um elemento importante para a compreensão da própria mídia. Isso se tornou mais premente quando no final dos anos 1980, o mundo se vê envolvido em diversos conflitos nacionalistas, étnicos e religiosos, até então ofuscados por quase quatro décadas de guerra fria que bipolarizaram e favoreceram a hegemonia dos Estados Unidos no bloco capitalista e da extinta URSS no bloco comunista<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> A bipolarização do mundo pós-Segunda Guerra Mundial, entre EUA e URSS, aos poucos, ofusca (mas não elimina) os conflitos étnicos e separatistas de muitos países, principalmente na Europa. Após a Segunda Guerra Mundial, a hegemonia mundial dos Estados Unidos e da URSS leva o nacionalismo a "adormecer" em muitas nações, principalmente na Europa. Entender o nacionalismo requer uma reflexão profunda, uma vez que envolve complexidades. Segundo Anthony Smith, professor de Sociologia na Universidade de Londres e na London School of Economics, o nacionalismo é um movimento ideológico para atingir e conservar a autonomia, a unidade e a identidade em nome de uma população em que alguns dos seus membros consideram constituir uma "nação" real ou potencial. (SMITH, 1991, pág. 97)

Esses conflitos se intensificaram na década de 1990 com a queda do muro de Berlim, em novembro de 1989, e o enfraquecimento dos países, do então bloco soviético, atolados em crises econômicas<sup>5</sup>.

Com isso ocorre nos anos 1990 a recrudescência de projetos de autonomia nacional; os conflitos étnicos, religiosos, separatistas e de luta armada em todos os continentes. Ou seja, a partir dos anos 90 verifica-se que a maior crise não é motivada por disputas territoriais, mas por disputas culturais. Tem-se o que se pode nomear de cruzadas das culturas.<sup>6</sup>

Na micro-esfera, percebe-se em vários países a efervescência de movimentos sociais reivindicando cidadania. No Brasil é possível pontuar nesse período os movimentos por direitos civis dos afro-brasileiros – destacando as reivindicações por cotas e punição efetiva do “racismo”. A politização do segmento LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros), pelo casamento entre pessoas do mesmo sexo e criminalização da homofobia. As reivindicações dos idosos por maior atenção do Estado às questões de assistência médica, atendimentos preferenciais, gratuidade em passagens nos transportes públicos e cidadania. As lutas das mulheres, lésbicas e heterossexuais, por equiparação salarial em relação aos homens, direitos ampliados da maternidade, direito ao aborto.

Nota-se o surgimento dos *neo-cidadãos*, como o público infante-juvenil, que através da efetivação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)<sup>7</sup> passam a ter

---

<sup>5</sup> Não se pode deixar de fazer a leitura que paradoxalmente, com o enfraquecimento e extinção da antiga URSS, os EUA e a sua política intervencionista se fortalece sobremaneira. O texto a seguir já vaticinava o que estaria por vir nessa primeira década do século XXI: “Na metáfora agora tão batida da Queda do Muro entrou em colapso a concepção maniqueísta de valores complementares e soluções opostas que prevalecia desde pelo menos a passagem do século. É como se as cartas da ideologia estivessem sendo reembaralhadas e um novo jogo, ainda indefinido, começasse (...) A dualidade política foi substituída por um consenso. Uma só superpotência impôs predomínio ao mundo”. (FOLHA DE S. PAULO, 1997, pág. 1-8)

<sup>6</sup> Nos anos 1980 e 1990 verifica-se a recrudescência dos seguintes conflitos por motivações étnicas e religiosas (como os ocorridos no Afeganistão, Argélia, Armênia, Azerbaijão, Bósnia-Herzegovina, Burundi, Egito, Líbano, Libéria, Palestina, Ruanda, Somália, Sudão, Tadjiquistão, Zaire e outros), lutas separatistas (Chechênia, Córsega, Curdistão, Espanha, Geórgia, Iran Jaya, Irlanda do Norte, Saara Ocidental, Sri Lanka, Tibet, Timor Leste) e o ressurgimento de movimentos armados de extrema esquerda na Colômbia e México. (FERREIRA, 2001).

<sup>7</sup> O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) é um conjunto de normas do ordenamento jurídico brasileiro que tem como objetivo a proteção integral da criança (a pessoa até 12 anos de idade incompletos) e do adolescente (a pessoa entre 12 e 18 anos de idade incompletos, podendo em casos excepcionais essa fase ser estendida até os 21 anos) regido pela lei número 8.069, de 13 de julho de 1990. ([www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/L8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/L8069.htm))

direitos legitimados. No bojo dos grupos sócio-acêntricos podem ser incluídos os deficientes físicos (reivindicações de cotas e garantias de trabalho, adequações dos espaços públicos às necessidades de cada grupo de deficiência) e de outros segmentos que evocam também para si cidadania.

As últimas décadas se constituem em um efervescente debate sobre cidadania e o reconhecimento das diversidades (o que não implica respeito por elas ou efetivação de seus direitos). Verifica-se também que se inicia movimento de pressão dos grupos sócio-acêntricos sobre os poderes legislativo, executivo e judiciário; pela garantia dos direitos civis e reconhecimento das diversidades socioculturais. Ou seja, verifica-se que há buscas de novas identidades no campo político-cultural e no espaço midiático.

Nesse caldeirão efervescente de complexidade de culturas é possível observar que a Mídia apresenta dificuldades no trato desses fenômenos paradoxais e complexos. Muitas vezes, os veículos de comunicação na tentativa de informar os fenômenos os colocam desvinculados de contextos histórico-culturais e eliminam as conexões, transformando os acontecimentos em meros fatos.

Para entender a evolução dos grupos sócio-acêntricos na mídia é necessário resgatar o conceito de ciências e jornalismo na segunda metade do século XIX e a sua influência no pensamento jornalístico deste século XXI e como tais elementos foram moldando o pensamento étnico-midiático.

É importante destacar que ao se falar em ciência no final do século XIX se torna impossível não associá-la ao conceito de “raça”, tão difundido naquele momento. O Brasil vivia nos anos de 1880 uma profusão de pensamentos e ideias. Porém, a que mais era preocupante e marcante no inconsciente coletivo, principalmente da elite, era transformar o país em uma “nação civilizada”. Isso significava ter como modelo o pensamento e o modo de vida europeus. Na Europa, naquele momento, dois paradigmas tomavam as discussões intelectuais, o Positivismo, de Augusto Comte, e o Evolucionismo, de Charles Darwin.

Esses paradigmas encontraram campo fértil nos jornais da época, que reproduzem tais pensamentos nas *Seções Científicas*, exaltando-os. Não restam dúvidas que essas correntes foram bastante significativas para o avanço científico na

---

compreensão da humanidade. Porém, no Brasil essas correntes são colocadas para justificar o *status quo* brasileiro, principalmente depois da abolição da escravatura, em 1888, e da Proclamação da República, em 1889. Ou seja, nas páginas dos jornais da época, as discrepâncias sociais, as relações políticas e o cotidiano eram forjados à luz do positivismo e do darwinismo social no discurso da divulgação científica.

Ambicionando ser civilizado, o Brasil adota o modelo de ciência idealizado e o coloca como informação jornalística com pouca criticidade e eliminação dos conceitos ou dos métodos e metodologias. A ciência no papel jornal tem a funcionalidade de atestar as diferenças de raças, o desprezo por aspectos culturais e a manutenção dos privilégios de alguns poucos segmentos, aspirantes à europeização e à “civilidade”.

Vários autores entendem a importância do século XIX como “construção” do conceito de nação brasileira. Isso se deve à segunda metade do século XIX constituir-se em um período de efervescência social, cultural, política e econômica no Brasil.

Os pressupostos teóricos dos Cultural Studies e das Teorias da Etnicidade permitem observar a construção da ciência enquanto informação jornalística na imprensa da segunda metade do século XIX. Nos jornais da segunda metade do século XIX temas ligados à ciência são publicados com frequência e criam uma simbiose entre imprensa e ciência. Nesse contexto, é possível observar também que o poder constituído pelas elites anseia construir a identidade nacional (embranquecida e europeizada). E é justamente no campo midiático (jornal) em que se dão os “debates” (quase sempre consensuais) em torno das teorias raciais e a idealização do corpo, do ser humano, do ser brasileiro e as bipolarizações selvagem-civilizado; negro-branco; erudito-popular e outras ambigüidades.

Assim, a segunda metade do século XIX favorecia a inserção da ciência como legitimadora do sistema social vigente. O Brasil desse período se depara com a reavaliação do sistema escravocrata (através de pressões inglesas visando a formação de mercados no capitalismo comercial) e com o projeto de República.

Nessa nova configuração, o discurso científico, difundido pelos jornais da época agregará, principalmente ao negro (tido como mercadoria), e aos demais grupos não-brancos e não europeus, o status de “objeto de estudo científico”. É nesse período (1890-1920) que cientistas, com intensa ressonância nos jornais, começam a elaborar

teorias raciais no Brasil. É o momento em que idéias de hierarquização das “raças” e da superioridade da “raça” branca adquirem tons de legitimidade científica. A elite intelectual brasileira absorve tais teorias determinantes européias.

Lilia Schwarcz, em *Retrato em branco e negro*, aponta que, juntamente com o discurso da ciência, são freqüentes os textos jornalísticos abordando o negro. Tais características vão moldando o negro nos jornais conforme as editorias:

O negro aparece com grande freqüência e podemos encontrá-lo envolvido em vários e diferentes espaços que vão como que definindo e redefinindo a figura e a condição negra e escrava: existe o negro das ‘ocorrências policiais’, o negro violento que se evadiu, o negro que é centro de notícias escandalosas, o negro dependente e serviçal que é oferecido enquanto ‘peça de bom funcionamento’ ou mesmo o negro ‘objeto’ de discurso dos editoriais científicos. (SCHWARCZ, 1987, pág. 99).

Os jornais da época abordavam insistentemente a ciência em editorias e em *Seções Científicas* como expressão de verdades incontestes ou como legitimadoras do sistema. A abordagem médico-legista encontrava espaço privilegiado nesse discurso.

Pode-se citar, por exemplo, os trabalhos do médico-legista e psiquiatra Raimundo Nina Rodrigues.

Nina Rodrigues é o intelectual típico do período de transição entre o regime servil e abolição, entre o Império e a República, dois acontecimentos históricos que dificilmente se distinguem. Do ponto de vista político-social, começa nessa fase histórica uma nova ordem social no país que viria incorporar, pelo menos teoricamente, uma população de cor que até então havia ficado trancada nas fronteiras de uma sociedade estruturada em bases bi-raciais: negro e escravo, de um lado, branco e livres de outro. (LIMA, 1984, pág. 16).

O século XIX corresponde a um período em que diferentes autores buscam a noção de povo, raça e nação. Lilia Schwarcz coloca esse período como um grande impasse, uma mudança de paradigma.

A questão estava lançada: por um lado, a República surgia, realçando os valores ‘liberais’ da época, fincada em toda uma ‘imagem civilizatória’; ao mesmo tempo, com o final da escravidão era jogada no mercado uma grande massa que agora tinha direito à cidadania (já que, segundo a Constituição de 1824, índios e escravos não eram

considerados cidadãos). Como então pensar na formação dessa ‘nação’ brasileira, já que nesse momento os conceitos de raça e nação pareciam profundamente associados?. (SCHWARCZ, 1987, pág. 39).

A divulgação científica do século XIX encontrava ampla ressonância nos veículos e fazia chegar à população trechos de obras científicas ou a obra inteira. Por exemplo, *A origem das espécies*, de Charles Darwin, lançado em final de 1859, teve toda a sua edição vendida no primeiro dia. (DARWIN, 2004). Os jornais traziam os debates e questionamentos de teóricos como Buffon, Immanuel Kant, Erasmus, Lamarck e outros.

A historiadora Solange Couceiro considera que naquele contexto histórico as questões e as controvérsias nacionais ligadas à questão do negro, como questão de raça, todas ligadas à questão máxima nacional de então envolvem:

A colocação da ‘qualidade’ e composição racial da população brasileira como elemento privilegiado para traçar e prever o futuro, o destino do país. A preocupação com a composição mestiça da população brasileira, avaliada do ponto de vista quantitativo, era uma preocupação constante nos intelectuais, que colocavam essa mestiçagem no quadro teórico adverso às raças inferiores, como a negra. Na obra de Nina Rodrigues, enquanto obra ‘africanista’, percebe-se essa preocupação de forma muito clara (LIMA, 1984, pág. 15-16).

Solange Couceiro de Lima ainda cita que a obra de Nina Rodrigues, significativa na compreensão do conceito de raça, aponta para alguns aspectos relevantes.

Pelo menos três pontos dão os apoios históricos a essas preocupações de Nina Rodrigues: o primeiro é representado pelo período pós-escravocrata; o segundo, pelo significado da imigração estrangeira no país; e o terceiro, pelas tentativas de transferência para o Brasil de negros norte-americanos emancipados (LIMA, 1984, pág. 16).

O conceito de “raça” se impõe como uma questão importante para a ciência e para a política e, também como identidade nacional. Ou seja, o valor-notícia dos jornais consistia em construir um país republicano, civilizado e marcado pelo progresso. No entanto, a legião de ex-escravos, mulatos e não-brancos ou descendentes miscigenados

de europeus era um grave problema a ser resolvido, pois colocava o Brasil na impossibilidade de atingir o ideal civilizatório e eurocêntrico.

O Brasil assumia, na verdade, o novo discurso europeu que se colocava nas universidades e nas rodas de discussões intelectuais européias. Tais discursos eram reproduzidos pelos jornais brasileiros:

O século XIX lembra a época do esplendor do ‘milagre grego’, os séculos, com seus sofistas, filósofos e sábios que vão de Tales e Platão ao crepúsculo helenístico da Antiguidade clássica (...) O darwinismo evoluiria assim, naturalmente, para um darwinismo filosófico e deste para um darwinismo social. Os descendentes de Darwin eram, como mandava a teoria genética, irmãos inimigos, estavam todos dedicados à eliminação mútua (...) Foi de Spencer que Darwin adotou a expressão ‘sobrevivência do mais apto’ (*survival of the fittest*). Com esse termo fitness (capacidade, aptidão ou eficiência), Spencer gerou uma grande dose de confusão entre um princípio natural e mecânico de seleção e uma categoria de valor ético, estético ou civilizacional.” (PENNA, 2006, pág. 257-258).

O Brasil forjava na segunda metade do século XIX a sua identidade nacional cooptando os paradigmas Positivista e Evolucionista e os reelaborando no espaço jornal. Tal fenômeno influenciou sobremaneira o jornalismo brasileiro durante a segunda metade do século XIX. Porém, é possível verificar que mesmo de forma enviesada, a questão étnica era discutida no século XIX como elemento da divulgação científica (Seções Científicas). Algo que no final do século XX, nos anos 1980, a imprensa passa a desvincular da divulgação científica e migra tal questão para outras editorias.

### **Considerações finais**

Esta pesquisa teve como proposta realizar abordagens teórica e prática, visando a práxis. Na primeira, busca a construção conceitual das disciplinas Midialogia Científica e Etnomidialogia por entender que elas são campos constitutivos de uma comunicação convergente e complexa, envolvendo a educação científica e os estudos midiáticos das diversidades das matrizes culturais.

Para isso, apoiou-se em alguns referenciais como as Teorias das Mediações<sup>8</sup>; Teoria Geral dos Sistemas e Estudos Culturais<sup>9</sup>.

Por se tratar de disciplinas recentes e em construção, a primeira etapa é a construção teórico-metodológica da Midialogia científica e da Etnomidialogia. Para isso, é importante buscar o processo histórico-cultural desses dois campos da comunicação na segunda metade do século XIX, quando se configura o jornalismo impresso.

Os jornais brasileiros nesse período adquirem as suas identidades e linhas editoriais a partir do debate político da mudança de Império para República. Os paradigmas Positivista, de Augusto Comte e Evolucionista, de Charles Darwin (que no Brasil ganha contornos de Darwinismo Social), estão presentes enquanto informação nos jornais e são usados para justificar o *Status quo* e os ideais de “civildade” almejados pelas elites política e social brasileiras.

É importante o estudo desse período porque é nele que se constroem os conceitos de “raça” (etnia) e ciência dentro do espaço jornal. Observa-se, ainda, que muitas das construções presentes no “imaginário coletivo” sobre etnia, cientificismo e aspectos culturais têm raízes nesse período

Diferentes aspectos da Midialogia científica, enquanto educação científica e os seus formatos, permitem a compreensão dos processos comunicacionais tais como a gestão da informação (newsmaking); o formato e gêneros dos produtos midiáticos e as suas diferentes produções de sentidos a partir do referencial da Etnomidialogia. Isso porque a Etnomidialogia, possibilita conhecer as diferentes formações dos grupos sócio-acêntricos e a construção das suas identidades e representações nos meios de comunicação midiáticos. O principal objetivo é entender em que medida aspectos

---

<sup>8</sup> Martin-Barbero coloca que “a comunicação está se convertendo num espaço estratégico a partir do qual se podem pensar os bloqueios e as contradições que dinamizam as sociedades-encruzilhada, a meio caminho entre um subdesenvolvimento acelerado e uma modernização compulsiva. Assim, o eixo do debate deve se deslocar dos meios para as mediações, isto é, para as articulações entre práticas de comunicação e movimentos sociais, para as diferentes temporalidades e para a pluralidade de matrizes culturais” (MARTIN-BARBERO, 2001, pág. 270). Esse enfoque possibilita entender o campo da Etnomidialogia dentro dos pressupostos da Educomunicação.

<sup>9</sup> Os Estudos Culturais não configuram uma disciplina, mas uma área onde diferentes disciplinas interagem, visando o estudo de aspectos culturais da sociedade. Por se configurar como um campo interdisciplinar e convergente, ele propicia entender fenômenos e relações que não são acessíveis através das disciplinas existentes. Com os trabalhos de Stuart Hall, houve desenvolvimento nos estudos etnográficos, na análise dos meios midiáticos e na investigação de práticas de resistências de *sub-culturas*. (HALL, 2003).

ideológico-culturais constroem e desconstroem identidades no âmbito comunicacional na midialogia científica.

## Referências

A MONTANHA dos sete abutres – Ace in the hole/The big carnival (filme-vídeo). Direção de Billy Wilder. São Paulo: CIC Vídeo, s.d. 112 min., p&b, son., VHS, v.o. inglês, leg. português.

CANAVILHAS, João. **O domínio da informação-espetáculo na televisão**. Universidade da Beira Interior. Portugal: Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação. [www.bocc.ubi.pt/canavillas-joao-televisao-espectaculo.html](http://www.bocc.ubi.pt/canavillas-joao-televisao-espectaculo.html). Acessado em 15 de maio de 2011.

DARWIN, Charles. **A origem das espécies**. Rio de Janeiro: EdiOuro, 2004.

FERREIRA, Ricardo Alexino. **Os critérios de noticiabilidade da mídia impressa na cobertura de grupos sócio-acêntricos em abordagem etnomidialógica**. São Paulo: ECA-USP. Tese de Livre-docência. 2011.

\_\_\_\_\_. **Os grupos minorizados transformados em informação: representações, ideologias e construções da imagem de afro-brasileiros no jornalismo**. In: **Actas do III Sopcom; VI Lusocom e II Ibérico**. Volume III. Lisboa (Portugal). <http://www.bocc.ubi.pt/~bocc/esp/autor.php3?codautor=1161>. 2005.

\_\_\_\_\_. **Jornalismo Especializado-Jornalismo Científico: análise crítica, estudo de casos e a construção de novos paradigmas e de um novo currículo disciplinar**. Bauru: Faac-Unesp. Pesquisa Trienal. Mimeo. 2004.

\_\_\_\_\_. **Olhares negros: estudo da percepção crítica de afro-descendentes sobre a imprensa e outros meios de comunicação**. São Paulo, 2001. Tese (Doutorado) – ECA – Universidade de São Paulo

\_\_\_\_\_. **A representação do negro em jornais no Centenário da abolição da escravidão no Brasil**. São Paulo, 1993. Dissertação (Mestrado) - ECA, Universidade de São Paulo.



Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Fortaleza, CE – 3 a 7/9/2012

FOLHA DE S. PAULO. **Projeto editorial 1997**: Caos da informação exige jornalismo mais seletivo, qualificado e didático. São Paulo: Folha de S. Paulo. 17 de agosto de 1997. p. 1-8; 1-9. Caderno Brasil.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte (MG): UFMG, 2003.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Campinas (SP): Unicamp, 1993.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ. 2001.

PENNA, José Oswaldo de Meira. **Polemos**: uma análise crítica do darwinismo. Brasília: Editora da UnB, 2006.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Retrato em branco e negro**: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

SMITH, Anthony D. **A identidade nacional**. Lisboa, Portugal: Gradiva. 1991.